

TRÊS ATORES INTERPRETAM TODOS OS PERSONAGENS.

Cena 1

PALCO VAZIO, FUNDO PRETO. UM REFLETOR ILUMINA UM ÚNICO QUADRO PENDURADO NO FUNDO DO PALCO. UM ATOR MASCARADO PASSA RAPIDAMENTE E ROUBA O QUADRO. A CENA É RÁPIDA E SILENCIOSA. APÓS O ROUBO O RITMO MUDA: OS REFLETORES PERCORREM O PALCO E A PLATEIA. EM OFF UMA SIRENE. ESCURO OUTRA VEZ. DOIS DETETIVES ENTRAM EM CENA E SE ENCONTRAM.

DETETIVE 1: Quem é você?

DETETIVE 2: Quem é você?

DETETIVE 1: Eu perguntei primeiro.

DETETIVE 2: Perguntamos juntos.

DETETIVE 1: Então respondemos juntos.

DETETIVE 2: Preciso investigar o roubo de um quadro.

DETETIVE 1: Então temos o mesmo caso.

DETETIVE 2: Quem te contratou?

DETETIVE 1: A "Organização". E você?

DETETIVE 2: O nome não interessa.

DETETIVE 1: Há quanto tempo você trabalha nessa área?

DETETIVE 2: O suficiente para saber que o sigilo é a alma desse negócio. E agora chega de perguntas.

DETETIVE 1: Exatamente o que eu ia dizer. Chega de perguntas...

ELES SE LEVANTAM, SE MOVIMENTAM, COMO SE MEDISSEM FORÇAS. CADA UM DELES ACENDE UM CACHIMBO E VOLTAM AO MESMO LUGAR.

DETETIVE 2: O que você sabe sobre este roubo?

DETETIVE 1: Em primeiro lugar, este era um quadro único.

DETETIVE 2: Todos são...

DETETIVE 1: Não me interrompa. O quadro era único pelo seu mistério. O pintor é famoso, mas esse quadro nunca esteve numa exposição.

DETETIVE 2: Continue.

DETETIVE 1: Nessas últimas semanas várias pessoas quiseram comprar esse quadro, por qualquer preço. Seu valor no mercado disparou.

DETETIVE 2: E então?

DETETIVE 1: O pintor não aceitou nenhuma oferta.

DETETIVE 2: Mas ao mesmo tempo mandou fazer um seguro muito alto pelo quadro. Parecia suspeitar que alguma coisa pudesse acontecer.

DETETIVE 1: Como você sabe disso?

DETETIVE 2: Faz parte da minha profissão.

DETETIVE 1: Já que você é tão esperto, continue a investigar sozinho. Aposto que eu chego primeiro.

DETETIVE 2: Aposta feita. A gente volta a se encontrar em breve.

DETETIVE 1: Muito breve.

(Uma vinheta de rádio com a notícia sobre o roubo enquanto eles saem de cena.)

CENA 2

ATELIÊ DO PINTOR. NUM CANTO, UMA TELA EM BRANCO, QUE SERÁ PINTADA PELOS ATORES DURANTE A PEÇA. A AJUDANTE DO PINTOR ENTRA EM CENA TRAZENDO UM BANQUINHO, UMA CORDA E UMA MORDAÇA. ELA SE CERTIFICA DE QUE NÃO TEM NINGUÉM ESCONDIDO E DÁ UM ASSOVIÃO. O PINTOR LHE RESPONDE AINDA FORA DE CENA.

PINTOR: Posso ir?

ELA ASSOVIA QUE SIM.

PINTOR: Tem certeza?

ELA RESPONDE COM UM ASSOVIIO MAIS LONGO E IRRITADO. ELE ENTRA CORRENDO E SENTA-SE NO BANCO. ELA O AMARRA ENQUANTO ELES CONVERSAM.

PINTOR: Aperta bem.

AJUDANTE: Essa história está mal contada. Você devia ser a vítima e não o culpado.

PINTOR: Rápido, antes que eles cheguem. Tenho certeza que vão me acusar de roubar meu próprio quadro. Pode escrever...

AJUDANTE: Eu não vou tentar entender...

ELA COLOCA UMA VENDA NO PINTOR. ELE FALA ANSIOSAMENTE. ELA SAI DE CENA POR ALGUNS SEGUNDOS.

PINTOR: Não esquece de dar comida para o gato, veja se as janelas estão fechadas, parece que vai chover. Você ainda está aí? Ninguém vai acreditar que eu sou inocente...Patrícia, liga para minha mãe e diz que eu viajei.

ELA ENTRA, COLOCA UM ESPARADRAPO NA BOCA DO PINTOR E SAI. O DETETIVE ENTRA, OBSERVA O PINTOR POR ALGUNS SEGUNDOS E TIRA A MORDAÇA DA SUA BOCA.

PINTOR: Patrícia, preciso tomar minha homeopatia... Patrícia.

O detetive tira sua venda.

DETETIVE 1: Nome, identidade e CPF.

PINTOR: Quem é você?

DETETIVE 1: Eu faço as perguntas! Nome, identidade, CPF e impressões digitais, por favor.

SEM DESAMARRAR O PINTOR ELE TIRA SUAS IMPRESSÕES DIGITAIS NUMA FOLHA.

PINTOR: Com que direito você entra na minha casa e suja as minhas mãos desse jeito?

DETETIVE 1: Acredite se quiser, mas suas mãos já estavam sujas antes que eu as tocasse. (MOSTRA A CORDA) Esse nó não me engana, foi feito por um amador...

PINTOR: Você pode me desamarrar?

DETETIVE 1: Só depois que você responder algumas perguntas.

PINTOR: Não tenho nada a declarar. Eu não vi nada. Só sei que alguém entrou aqui e levou meu quadro.

DETETIVE 1: Isso nós sabemos.

PINTOR: Nós quem?

DETETIVE 1 - "A ORGANIZAÇÃO".

SEMPRE QUE "A ORGANIZAÇÃO" FOR CITADA, ENTRA UMA VINHETA E OS ATORES PODEM CONGELAR POR SEGUNDOS.

DETETIVE 1: Você pode descrever o autor desse nó mal feito?

PINTOR: Eu vi apenas vultos. Eles apagaram a luz e um deles me atacou com um objeto pesado. Acho que desmaiei enquanto os dois me amarravam.

DETETIVE 1: Você acaba de se trair. Se você desmaiou como sabe que eram dois? Hã, hã?

PINTOR: Porque senti quatro mãos me amarrando. Logo, só poderiam ser duas pessoas. A não ser que fosse um animal, um quadrúpede, talvez um macaco treinado especialmente...

DETETIVE 1: Não tente me enganar. Nem sua mãe acreditaria nesta história.

PINTOR: Minha mãe não tem nada a ver com isso!

DETETIVE 1: Negativo. **Até que se prove o contrário, todos são suspeitos.** É melhor colaborar. Você deve se lembrar de algum detalhe.

PINTOR: Já disse que desmaiei. Você não vai me desamarrar?

DETETIVE 1: Nem pensar.

Ele coloca a mordança de volta no pintor, aperta ainda mais o nó e sai.

DETETIVE 1: Aproveite o silêncio para refletir.

CENA 3

A CAMPAINHA TOCA. O PINTOR SE ESFORÇA PARA SE SOLTAR E TIRAR A MORDAÇA. A CAMPAINHA INSISTE. O DETETIVE SAINDO, A MULHER ESBARRA NO DETETIVE, ELE REPARA SEUS SAPATOS TROCADOS E SAI. ELA ENTRA.

ALICE: Aqui é a rua das Acácias 620?

O PINTOR RESPONDE QUE SIM COM A CABEÇA.

ALICE: É o ateliê do senhor Pablo?

ELE REPETE O GESTO.

ALICE: Ele está?

PINTOR SE MOVIMENTA AFLITO.

ALICE: Eu posso soltar um pouco essa atadura? Depois eu coloco de volta.

ELA SOLTA A MORDAÇA.

PINTOR: Meu deus, que dia! Eu sou Pablo.

ALICE: Que sorte a minha. Desculpe interromper sua meditação. Vou direto ao assunto. Estive na sua última exposição...

PINTOR: Gostou?

ALICE: Muito. Eu vim aqui comprar um quadro...

PINTOR: Finalmente uma boa notícia. Aceita um chá?

ALICE: Obrigada, mas não tenho tempo.

PINTOR: É uma pena. Você sabe o nome do quadro?

ALICE: A MEGERA INDOMÁVEL.

TODA VEZ QUE ALGUÉM PRONUNCIAR O NOME DO QUADRO SURGE UMA VINHETA DE SUSPENSE.

PINTOR: Tem certeza?

ALICE: Absoluta. Se o senhor me disser onde está eu mesma pego. Não precisa nem embrulho.

PINTOR: Lamento profundamente, mas é impossível vender esse quadro.

ALICE: Por quê? Eu pago qualquer preço.

PINTOR: Eu não devia ter saído da cama hoje. Seu nome?

ALICE: Alice Prado de Almeida Stombwsky Souza Rugenas. Mas pode me chamar só de Alice.

PINTOR: O dinheiro não vem ao caso, Alice. Sinto muito te desapontar, mas A MEGERA INDOMÁVEL acaba de ser roubada.

ALICE: Não é possível, não posso acreditar.

PINTOR: E devo lhe confessar, Alice, que eu também não estava meditando. Fui amarrado nessa cadeira enquanto eles levavam a minha MEGERA.

ALICE: E o senhor viu quem lhe atacou? Como eles eram?

PINTOR: Eu não sei...

ALICE: Quantos eram? Por acaso eram dois? Usavam máscaras?

PINTOR: Já disse que não vi. Mas você pode escolher outro quadro.

ALICE: Nenhum quadro pode substituir A MEGERA. Eles não vão me perdoar.

PINTOR: Eles quem?

ALICE: Preciso ir... Não diga a ninguém que estive aqui. Esqueça o meu nome, você nunca me viu... É melhor assim. Adeus.

PINTOR: Você pode me desamarrar antes de ir? Alice!

ELA SAI DRAMÁTICA.

ALICE: Alice morreu!

PINTOR: São todas iguais.

ELE PULA COM O BANQUINHO ATÉ SAIR DE CENA.

PINTOR: E além de tudo mentirosa. Porque o meu quadro, A MEGERA INDOMÁVEL nunca esteve numa exposição. (ELE SENTE O PERFUME DO AR) E esse perfume, eu conheço de algum lugar.

CENA 4

VOZ EM OFF DO LÍDER: DOS REPLICANTES. ELE DÁ ORDENS DE COMANDO PARA O REPLICANTE QUE SÓ VAI ENTRAR EM CENA QUANDO O LÍDER: DISSER: MATERIALIZE-SE. DURANTE A CENA O REPLICANTE PODE FICAR PROCURANDO A VOZ DO LÍDER: OLHANDO PARA CIMA, LADOS, COMO SE PROCURASSE UM MICROFONE INVISÍVEL.

LÍDER:: (OFF) Torça a cabeça, len-ta-men-te. Faça um ângulo de 90 graus para a esquerda. Agora respire, solte o ar. Pise firme com o pé esquerdo. Agora o direito... Gargareje...

O REPLICANTE COMEÇA A GARGAREJAR FORA DE CENA.

LÍDER: (OFF) - Novamente... chega, é suficiente. MATERIALIZE-SE.

O REPLICANTE ENTRA EM CENA AINDA GARGAREJANDO. OLHA EM VOLTA, E PROCURA COM A CABEÇA A VOZ DO LÍDER:.

REPLICANTE: O senhor acertou, grande LÍDER:. Foi aqui mesmo.

LÍDER:: (OFF) Isso eu já sei. Faça apenas o que você tem que fazer.

PARA GANHAR TEMPO, O REPLICANTE REPRESENTA, COMO SE FOSSE UM CRÍTICO DE ARTE, E DESCREVE O QUADRO.

REPLICANTE: Era um quadro muito estranho. Pintado com cores fortes e vibrantes, e que irradiava uma estranha energia. Uma pintura ao mesmo tempo delicada e agressiva, subjetiva e reveladora. Na minha opinião, é uma obra de Arte, mas afinal, o que é uma obra de arte? O título é um achado: "A MEGERA INDOMAVÉL".

EFEITO QUE SE REPETE TODA VEZ QUE ALGUÉM DIZ O NOME DO QUADRO.

LÍDER:: (OFF) Encontre logo esse quadro, antes que alguém apareça.

REPLICANTE: Ele estava pendurado aqui... Posso ver a marca da moldura.

LÍDER:: (OFF) O que foi que você disse?

SUSPEITOS

Texto de Denise Crispun

REPLICANTE: Nada, grande LÍDER:... Que Saturno me proteja. Se eu não encontrar o quadro ele vai me transformar em poeira atômica.

LÍDER:: (OFF) Arcanjo Alfa, não brinque comigo. Você tem poucas horas para encontrar essa fórmula.

REPLICANTE: (PRA SI) Preciso ganhar tempo...Grande LÍDER:, o senhor tem certeza de que não existe nenhuma outra cópia dessa fórmula?

LÍDER:: (OFF) Não!! Nós a destruímos por medida de segurança. Criamos, por acidente, um vírus perigosíssimo, capaz de se reproduzir em segundos. Se esta fórmula cair em mãos erradas nossa galáxia poderá explodir num piscar de asas. Fui claro?

REPLICANTE: Santo Saturno! Eu vou ter que dizer a verdade.

Ele decide enfrentar o chefe, respira fundo e confessa.

REPLICANTE: Chefe, antes que o senhor me pulverize, o quadro foi roubado!

Efeito. Chefe envia algum raio que derruba o replicante no chão.

REPLICANTE: Como é que eu podia imaginar uma coisa dessas?

LÍDER: (OFF) Alguém vai ter que pagar por isso.

REPLICANTE: Por Saturno, me dê uma chance. Vou tentar recuperar o quadro.

LÍDER: (OFF) Agora é tarde, ajoelhe-se.

REPLICANTE: Grande Líder, eu tenho família...

LÍDER: (OFF) De joelhos!

ELE SE AJOELHA. O TELEFONE TOCA.

REPLICANTE: Grande Líder, posso atender?

LÍDER: Esse foi seu último desejo!

O REPLICANTE VAI ATÉ O TELEFONE.

REPLICANTE: Quer falar com quem?

A VOZ DO TELEFONE É OUVIDA POR TODOS.

VOZ: Com você mesmo.

REPLICANTE: Mas você não me conhece...

VOZ: Isso é o que você pensa. Todos nós nos conhecemos... No fundo, somos uma grande família. Capito? E nós temos o que você está procurando. Está aqui, na minha frente...

O replicante afasta o telefone do ouvido e fala com o chefe (sussurrando).

REPLICANTE: Grande Líder, ele tem o quadro...

LÍDER: (OFF) Ele quem?

REPLICANTE: Eu não sei, mas ele diz que é da Família!!! Capito? E está dizendo que é meu parente... Eu vou perguntar o que ele quer pelo quadro.

REPLICANTE: (VOLTA AO TELEFONE) Alô, pode falar...

VOZ: Preste atenção porque eu não vou repetir. Se quiser recuperar o quadro, me encontre daqui há uma hora na praça da Cruz. Procure o pipoqueiro, mas não fale com ele. Isso é muito importante.

REPLICANTE: Qual é a cor da roupa do pipoqueiro?

VOZ: Isso não vem ao caso. Você vai saber quem ele é, mas não lhe dirija a palavra!

REPLICANTE: (ANOTANDO MENTALMENTE) Não lhe dirija a palavra...

VOZ: Pare de repetir o que eu digo!

REPLICANTE: Pare de repetir... já parei!

VOZ: Coloque numa pasta marrom 50.000 euros, com numeração variada. Confira. E preste atenção na numeração. Desligo, câmbio.

REPLICANTE: Só mais uma pergunta: como eu vou reconhecer o pipoqueiro?

VOZ: Pelo saco de pipocas. E não se atrase. Nós já fizemos contatos com outros grupos interessados na MEGERA.

EFEITO.

REPLICANTE: Alô? Desligou. Grande Líder, o senhor ouviu isso?

LÍDER: (OFF) - Claro que sim. Temos que correr! Prepare-se: torça a cabeça len-ta-men-te, angulo de 90 graus para a esquerda. Agora em frente... DESMATERIALIZE-SE.

O REPLICANTE SAI DE CENA EM TRANSE.

CENA 5

ESCURO. VÊ-SE APENAS A LUZ DE DUAS LANTERNAS. ATRAVÉS DAS SOMBRAS, VEMOS QUE ELES DISCUTEM. OS DOIS ENTRAM COM OS ROSTOS COBERTOS POR MEIAS E COM LUVAS NAS MÃOS. ELES "ESCUTAM" O CHÃO, TATEIAM PAREDES INVISÍVEIS, PROCURANDO O QUADRO.

BANDIDO 1: Tem certeza que é aqui?

BANDIDO 2: Absoluta! Como três vezes dois são cinco!

BANDIDO 1: Affe! Cadê o quadro?

BANDIDO 2: Calma, tô procurando, não tá vendo?

BANDIDO 1: Tô quase cego com essa meia na cara. Eu vou tirar.

QUANDO ELE COMEÇA A TIRAR O OUTRO PULA EM CIMA E COLOCA DE VOLTA.

BANDIDO 2: Não faz isso ou eu acabo com teu sorriso!

BANDIDO 1: E eu acabo com o teu se você não encontrar esse quadro! Como é que ele é?

BANDIDO 2: Ele quem?

BANDIDO 1: O quadro, imbecil!!!

BANDIDO 2: Quer saber mesmo? É feio como você. O quadro é a tua cara!

ELE TEM UM ATAQUE DE RISO.

BANDIDO 1: Engole esse riso ou tu vai perder o sorriso...

ELES CONTINUAM PROCURANDO E NÃO PERCEBEM QUANDO O DETETIVE 1 ENTRA.

DETETIVE 1: Levantem as mãos. As duas! As quatro! Sem truques hã, sem truques.

BANDIDO 1: Droga, eu te disse que não ia dar certo.

BANDIDO 2 - Você que é o pé frio. Eu devia ter vindo sozinho.

DETETIVE1: É melhor vocês confessarem tudo.

BANDIDO 1: Qual é cara, confissão pra mim é na igreja.

BANDIDO 2: Só com padre e de batina, falou?

OS DOIS COMEÇAM A RIR.

DETETIVE 1: Calados. Agora quem manda sou eu. Eu faço as perguntas. E acho bom gostar das respostas. Vocês pertencem a que organização?

BANDIDO 1: Pirou.

BANDIDO 2: O cara fugiu do mesmo hospício em que a gente nasceu.

OS DOIS SE CONTROLAM PRA NÃO RIR.

DETETIVE 1: Sem piadas. Quem é o chefe?

OS DOIS FALAM AO MESMO TEMPO.

BANDIDOS 1 E 2: É ele!

DETETIVE 1: Eu estou perdendo a paciência!

OS DOIS SE OLHAM E COMEÇAM A CANTAR UMA MÚSICA IRRITANTE, REPETINDO O REFRÃO CADA VEZ MAIS ALTO O DETETIVE FICA ATORDOADO.

DETETIVE: Parem com isso seus imbecis! Eu odeio essa música! Estendam as mãos!

ELE TIRA UM PAR DE ALGEMAS E SE ATRAPALHA QUANDO VAI TENTAR PRENDÊ-LOS. OS DOIS DÃO UM GOLPE NO DETETIVE E O DEIXAM DESACORDADO E IMOBILIZADO.

BANDIDO 1: Vamos embora antes que suje mais.

BANDIDO 2: E o quadro?

BANDIDO 1: Já era. Vaza!

BANDIDO 2: Essa música sempre dá certo...

OS DOIS SAEM CANTANDO A MÚSICA.

CENA 6

O DETETIVE 1 ESTÁ APAGADO, DE COSTAS, QUANDO O DETETIVE 2 ENTRA. NESSA CENA ELES JÁ PODEM COMEÇAR A PINTAR...

DETETIVE 1: Hã Hã, um suspeito algemado...Tão fácil quanto tirar o doce de uma criança... Sinto o cheiro da "MEGERA" no ar. Eu diria que está ficando quente. Hei, você, levante-se.

O DETETIV 1 RESMUNGA.

DETETIVE 1: Prendam o caminhão... Alguém anotou a placa? Eu quero a minha mãe!

O detetive 2 vira o rosto do detetive 1 e o reconhece.

DETETIVE 1: Não é possível...O que fizeram com você?

DETETIVE 1: Mamãe, que bom que você veio!

DETETIVE 1: Que é isso, companheiro!

DETETIVE 1: Mãe, como sua voz engrossou...

DETETIVE 1: Levante-se detetive.

DETETIVE 1: (AINDA ATORDOADO) O que aconteceu? E essas algemas? Você queria me tirar do caso à força?

DETETIVE 2: Ora por favor. Tente lembrar o que aconteceu. Quantos homens te atacaram? Alguma marca especial? Quero todos os detalhes.

DETETIVE 1: Eles eram muitos! Uma gangue! Armados até os dentes. Consegui derrubar uns quatro, mas eles me pegaram pelas costas.

DETETIVE 2: E eles levaram o quadro?

DETETIVE 1: Que quadro?

DETETIVE 2: A MEGERA. Não é esse o nosso caso?

DETETIVE 1: Claro. Eles também estavam atrás do quadro. Queriam me obrigar a falar, mas eu resisti. Devo ter desmaiado no final da luta.

DETETIVE 2: Sei... Você tem um suspeito?

DETETIVE 1: Prefiro não falar sobre isso.

DETETIVE 2: Por quê?

DETETIVE 1: Por acaso você desconfia de mim?

DETETIVE 2: **Até que se prove ao contrário todos são suspeitos.**

O TELEFONE TOCA. OS DOIS CORREM PARA ATENDER MAS O DETETIVE 2 É MAIS RÁPIDO. A VOZ É A MESMA DO PRIMEIRO TELEFONEMA. O DETETIVE 1 FICA DO LADO E TENTA SE INTROMETER NA CONVERSA. ELE FALA SUSSURRANDO COM O DETETIVE 2 ENQUANTO ELE ESTÁ NO TELEFONE.

DETETIVE 2: Alô.

VOZ: Você ainda está aí? É o seu primo, esqueceu?

DETETIVE 1 INTERROMPE A CONVERSA.

DETETIVE 2: Primo? Deve ser alguém procurando alguém que estava aqui antes de nós.

DETETIVE 1: Brilhante!

ELE VOLTA A FALAR COM A VOZ.

DETETIVE 1: Eu estou um pouco atrasado, aconteceram uns imprevistos...

VOZ: Você já conseguiu o dinheiro?

DETETIVE 2: Que dinheiro?

DETETIVE 1: Eu estou tentando descobrir. Para de me atrapalhar!

ELE VOLTA AO TELEFONE.

DETETIVE 2: Já consegui uma parte, mas não sei onde coloquei o papel com o total da quantia.

VOZ: Eu disse que não ia repetir. Sabe o que que eu vou fazer? Se você não estiver aqui na hora combinada eu vou queimar a sua MEGERA!

A VOZ DESLIGA. DETETIVE 1 REAGE.

DETETIVE 1: É ele! Ele tem o quadro! Pergunte aonde está, rápido!

DETETIVE 2: Agora é tarde. Ele desligou... Alguma coisa me diz que eu conheço essa voz... Eu vou descobrir.

DETETIVE 1: Eu vou com você.

DETETIVE 2: Não, não, não...Cada um com seu método. Nossa aposta continua de pé. Adiós!

O DETETIVE 1 CONTINUA A PINTAR NO QUADRO EM BRANCO, DESENHANDO O QUE DESCOBRIU ATÉ AGORA.

DETETIVE 1: Droga, acho que perdi uma boa pista. Mas também pode ser falsa. Preciso me organizar. Vamos ver: 1º suspeito: O pintor. Porque será que ele fez um seguro tão alto apenas desse quadro? 2º suspeito: A ajudante do pintor. Talvez ela soubesse de algum fato que poderia comprometer o pintor. Ou talvez ela tivesse ciúmes do pintor. 3º suspeito: Uma mulher nervosa, nem alta nem baixa; um tipo comum, mas com sapatos trocados... Ela queria comprar o quadro de qualquer jeito.

BARULHO DE PASSOS. DETETIVE 1 SE ESCONDE ATRÁS DA CORTINA.

DETETIVE 1: O culpado sempre volta ao local do crime.

CENA 7

AJUDANTE DO PINTOR ENTRA NERVOSA. OUVEM-SE SEIS BADALADAS, ELA SE ASSUSTA. EM SEGUIDA ELA TIRA DE UMA BOLSA UMA TELA ENROLADA. ABRE A TELA E A ADMIRA. NESSE MOMENTO O DETETIVE SAI DO ESCONDERIJO.

DETETIVE 1: Levante as mãos. Nada de truques, hã, hã.

ELA COBRE SEU ROSTO COM A TELA, MAS SEM REVELAR O DESENHO, COM A PARTE DE FORA DA TELA, DE COR NEUTRA.

DETETIVE 1: Isso...agora levante o rosto. Ou abaixe a tela. É melhor você colaborar.

ELA VAI ABAIXANDO A TELA ATÉ FINALMENTE SE REVELAR.

DETETIVE 1: Não é possível!

AJUDANTE: Você ainda me reconhece depois de tanto tempo...

DETETIVE 1: Nunca te esqueci, Maria, mas isso não vem ao caso. Então, depois que nós nos separamos você entrou para a escola do crime.

AJUDANTE: Eu não entrei para escola nenhuma e também não me chamo mais Maria.

DETETIVE 1: Não precisa continuar.

AJUDANTE: Eu não sou o que você está pensando...

DETETIVE 1: E como você sabe o que eu estou pensando? Hã, hã?

AJUDANTE: (CHORA) Eu só estava tentando ajudar.

DETETIVE 1: Ajudar a quem?

AJUDANTE: O pintor. Eu juro que ele é inocente!

DETETIVE 1: Não jure em falso.

AJUDANTE: Ele não roubou a si mesmo. Isso não faz o menor sentido.

DETETIVE 1: Você trabalha pra ele?

AJUDANTE: Trabalho. Ele me ensinou tudo sobre...

DETETIVE 1: Sobre?

AJUDANTE: Pintura!

DETETIVE 1: Você ainda não explicou o que estava fazendo aqui. Eu quero ver essa tela.

ELA ABRE BEM DEVAGAR E REVELA “A MEGERA” COM TODAS AS SUAS CORES.

DETETIVE 1: Então foi você!

AJUDANTE: Já disse que não! Essa aqui não é a verdadeira. É uma cópia. Foi feita por mim.

DETETIVE 1: Mas você nunca soube pintar.

AJUDANTE: Eu te disse que o pintor me ensinou tudo. Ele não fez nada de errado, a não ser pintar essa maldita Megera. Eu tinha que ajudar. Decidi colocar a tela falsa no lugar da verdadeira e acabar com essa história.

DETETIVE 1: Mas se a tela não é a verdadeira o caso não pode ser encerrado.

AJUDANTE: Você acha? Então responde: Qual é a diferença entre um quadro original e uma obra prima da falsificação?

DETETIVE 1: Confesso que não sei. Dá pra repetir a pergunta?

AJUDANTE: Qual a diferença entre um quadro original e uma falsificação?

DETETIVE 1: Eu não sei responder a essa pergunta. E não posso perder tempo. Voltamos a estaca zero.

AJUDANTE: Que grande detetive você é. Sempre procurando nos lugares mais óbvios, andando em círculos e seguindo pistas falsas. Aposto que você se formou por correspondência.

DETETIVE 1: Cuidado com as palavras. Não se esqueça que você ainda é suspeita.

AJUDANTE: Eu, suspeita? Mas você me conhece....

DETETIVE 1: **Até que se prove o contrário, todos são suspeitos...**

AJUDANTE: Eu já disse que isso é uma cópia.

DETETIVE 1: Mas se parece tão perfeita, como posso ter certeza? Só um perito pode avaliar. Vamos consultar um especialista. E é bom que você não esteja mentindo. Eles saem.

CENA 8

O PIPOQUEIRO ENTRA POR UM LADO E O REPLICANTE POR OUTRO. ELE CONTINUA FALANDO COM SEU CHEFE.

REPLICANTE: Chefe, é ele. Só pode ser.

CHEFE: Fala baixo, idiota. E comece a agir.

REPLICANTE: O que é que eu pergunto?

CHEFE: Qualquer coisa...Tem de sal?

REPLICANTE: O que?

CHEFE: Esquece. Mostra pra ele que você tem o dinheiro, mas sem levantar suspeitas.

REPLICANTE: Entendi.

ELE VAI ATÉ O PIPOQUEIRO E FALA BAIXINHO, MISTURANDO COM MÍMICA, NERVOSO.

REPLICANTE: Eu trouxe a mala...

PIPOQUEIRO: O que?

REPLICANTE: O dinheiro...Tem de sal?

PIPOQUEIRO: Não precisa dizer mais nada. Coloque a mala no chão, olhe pra trás e conte até 15. Depois disso você pode ir.

REPLICANTE: Mas você tem que me entregar a pipoca!

PIPOQUEIRO: Primeiro a mala.

DETETIVE 2 ENTRA.

DETETIVE 1: Os dois aí, parados!

O REPLICANTE NÃO QUER LARGAR A MALA.

DETETIVE 1: Você aí, larga essa mala.

REPLICANTE: Só depois dele me entregar a pipoca.

PIPOQUEIRO: (PARA O DETETIVE 2) Ainda bem que você chegou. Esse aí não regula bem.

DETETIVE 1: Calados os dois!

REPLICANTE: Ele está mentindo!

PIPOQUEIRO: Eu não disse que ele não bate bem? Ih, caramba, o milho acabou! Vou ter que ir no mercado.

REPLICANTE: (TENTA IMPEDIR) Você não vai em lugar nenhum!

DETETIVE 2: Mas ele precisa do milho pra trabalhar!

REPLICANTE: Ele **não** é um pipoqueiro!

PIPOQUEIRO: Demorou!

O PIPOQUEIRO APROVEITA PRA FUGIR. O REPLICANTE SE DESESPERA.

DETETIVE 2: Se ele não é o pipoqueiro, quem ele é?

REPLICANTE: Um suspeito. Do roubo do quadro. Da Megera! E atrás do quadro tinha a fórmula que eu escondi. Meu planeta está em perigo, e meu pescoço também!

DETETIVE 1: E você? Quem é você?

REPLICANTE: Tudo começou a muitos anos-luz atrás, na galáxia Centaura, onde minha avó foi criada.

DETETIVE 1: Você está tentando dizer que você é um alienígena, ou é? E você quer que eu caia nessa? O velho golpe do ser de outro planeta?

REPLICANTE: Desculpe, mas eu vou ter que lhe deixar falando sozinho. Eu vou atrás dele! Chefe, dá uma força!!!

UM EFEITO, O REPLICANTE SAI, DEIXANDO O DETETIVE ATÔNITO.

CENA 9

O PINTOR ESTÁ DE COSTAS PINTANDO UMA TELA, AINDA NÃO VEMOS O QUE ELE PINTA. A ASSISTENTE POR ALI, TENTA ANIMÁ-LO.

ASSISTENTE: Então, o que temos pra hoje?

ELE MOSTRA O PAPEL EM BRANCO

PINTOR: O vazio, o nada...

ASSISTENTE: Já é um começo.

PINTOR: Pra mim é o fim. O fim do começo, pelo menos.

ASSISTENTE: Não fica assim, você não tem culpa do que aconteceu.

PINTOR: Perdi a vontade de pintar...

ASSISTENTE: Por causa da musa? Dor de amor?

PINTOR: Receio que sim... Ela me faz tanta falta...Nunca tive coragem de dizer isso pra ninguém... Mas esse assalto bagunçou meu coração...

ASSISTENTE: Como ela se chamava?

ELE DESENHA AS LETRAS NA TELA EM BRANCO ENQUANTO FALA.

PINTOR: Célia. Apenas cinco letrinhas, que deixaram minha vida de pernas pro ar.

ASSISTENTE: Nunca vi você falar assim, tão romântico.

PINTOR: Recordações. É o que me resta...E também o perfume...

ASSISTENTE: Que perfume?

PINTOR: Curioso... Hoje mesmo eu senti o perfume dela no ar. Hoje? Será?

ELE COMEÇA A MOVER AS LETRAS, DESENHA FURIOSAMENTE ATÉ QUE O NOME CELIA VIRA ALICE.

PINTOR: Eu sabia que conhecia aquela mulher de algum lugar! Mas eu estava amarrado, atordoado, nem reparei. Alice é Célia, entendeu? Agora está tudo muito claro!

DETETIVE 1 ENTRA, SURPREENDENDO-OS.

DETETIVE 1: Finalmente uma boa pista. (ele pega o pincel e circula o nome de Alice) Como ela era?

ASSISTENTE: A musa?

DETETIVE 1: Sim, tenho pensado nisso, a própria Megera. A musa, como ela era?

PINTOR: Como descrever? (PINTA) Parecia uma pintura de Monet! Uma ninfeia! Um arco-íris...

DETETIVE 1: Dá pra ser mais claro?

PINTOR: Ela sempre foi muito distraída... Vivia com a cabeça no ar. Tão distraída que volta e meia, usava os sapatos trocados...Um de cada cor.

ASSISTENTE: E o que aconteceu com ela?

PINTOR: Desapareceu. Nem um bilhete ela deixou...

DETETIVE 1: Talvez não. Eu tenho um palpite. Com licença...

PINTOR: Nós ainda somos suspeitos?

DETETIVE 1: Até prova em contrário, todos são! Mas parece que agora o vento mudou!

CENA 10

UM VENTO INVADE A CENA. FOLHAS SOLTAS VÃO PREENCHENDO O PALCO. O DETETIVE “LUTA” CONTRA O VENTO, ATÉ QUE SURPREENDE O PIPOQUEIRO. (ELE USA UM PAR DE SAPATOS BEM CHIQUE, EM CONTRASTE COM A ROUPA SIMPLES)

PIPOQUEIRO: Sim? Pois não. Vai querer de que? Doce ou sal?

DETETIVE 1: Dessa vez você não me escapa! Alex Valadares.

PIPOQUEIRO: Ora veja só! Como foi que você me descobriu? E me reconheceu?

DETETIVE 1: Juntando as pistas, organizando a história. (PINTA) Um pipoqueiro muito distinto, apaixonado por uma musa, que desapareceu misteriosamente... E um quadro que nunca esteve numa exposição!

ELE TIRA UM RECORTE DE JORNAL E MOSTRA PRA ELE. VOCÊS DOIS JUNTOS, NUMA EXPOSIÇÃO.

DETETIVE 1: Os teus sapatos te entregaram!

PIPOQUEIRO: Uau! Parabéns! Até que enfim! Você vale o que pesa, meu rapaz! Pena que não está mais do meu lado.

DETETIVE 1: Como assim? (PINTA) Foi você que me contratou? Você é o cabeça da Organização. Não é?

PIPOQUEIRO: Bingo! Até que você não é tão ruim assim. E agora? Quer dividir essa mala? Metade pra cada um?

DETETIVE 1: Minha consciência tranquila vale muito mais! Você vai preso pelo roubo do quadro.

PIPOQUEIRO: Aí é que você se engana. Você não tem provas, e eu não tenho o quadro! Os idiotas que contratei demoraram muito para chegar. Lembra deles?

ELE CANTA A MÚSICA, OU OS DOIS COLOCAM AS MÁSCARAS E RELEMBRAM OS LADRÕES.

DETETIVE 1: Então você blefou?

PIPOQUEIRO: Claro que sim!

DETETIVE 1: Mas porque você queria tanto aquele quadro?

PIPOQUEIRO: No início, apenas por ciúmes de Alice. Eu não suportava a ideia de que Alice também estivesse na parede do pintor. Mas tem uma coisa que eu amo mais do que Alice: O dinheiro. Eu não resisto... Quando aquele ET apareceu com essa mala de notas novinhas...Tudo pra mim! E agora você não tem como me prender!

ELE PEGA A MALA SE ABRAÇA COM ELA E SAI, DRAMÁTICO.

PIPOQUEIRO: Fui! Até o próximo crime, meu rapaz!

ELE FOGE, O DETETIVE REFLETE, CHATEADO.

DETETIVE 1: Que roubada. Como é que eu vou explicar para a seguradora? E o quadro? Quem será que está com o quadro?

ALICE ENTRA COM O QUADRO.

ALICE: Eu! A Megera finalmente vai voltar para o seu lugar.

DETETIVE 1: Você? Célia? Ou Alice?

ALICE: Tanto faz. O importante é que A Megera finalmente vai voltar para o seu lugar.

DETETIVE 1: E como foi que você conseguiu?

ALICE: Escuta essa: conheci um ET! Um extraterrestre gente boa! Ele queria uma fórmula, pra salvar um planeta. E a formula estava justamente atrás do quadro. Ele ficou com a fórmula e me deu o quadro! Um fofo. Acredita?

DETETIVE 1: A essa altura eu acredito até em fadas e duendes...Pena que eu não cumpri a minha parte.

ALICE: Fica assim não. Vamos devolver o quadro?

DETETIVE 1: Vamos, mas a história não acabou...

CENA 11

ATELIÊ DO PINTOR. O PINTOR PREPARA UMA MALA, PRONTO PARA PARTIR QUANDO ALICE CHEGA COM A PINTURA E O SURPREENDE.

ALICE: Onde você pensa que vai?

PINTOR: Alice - Célia? Célia - Alice? Você voltou?

ALICE: Eu e a Megera. Nós duas estamos de volta...

ELE REPARA NOS SAPATOS TROCADOS DELA.

PINTOR: Você continua com os sapatos trocados! Não mudou nada! Será que estamos livres?

DETETIVE 1 ENTRA.

DETETIVE 1: Ainda não. O caso não terminou!

PINTOR: Eu sabia! Estava bom demais para ser verdade.

ALICE: Mas o quadro voltou para o seu lugar!

DETETIVE 1: Mas o roubo aconteceu.

ALICE: Onde está o outro detetive?

DETETIVE SAI E ENTRA, SE REVELANDO NO SEU DUPLO.

DETETIVE 2: Perdi algum capítulo da novela?

DETETIVE 1: (TROCANDO NOVAMENTE DE PAPEL) Melhor voltar mais tarde, depois eu explico! Então, como eu ia dizendo, se o quadro foi roubado é porque existe um ladrão. E ninguém vai sair daqui até que o verdadeiro culpado se revele. Ninguém! Eu tenho todo o tempo do mundo.

ALICE: Isso pode demorar, melhor eu preparar um chá.

ELA SAI.

DETETIVE 1: Então, alguém se acusa? Alguém tem algum suspeito? Nós vamos começar tudo de novo!

ASSISTENTE ENTRA.

ASSISTENTE: (O pessoal do teatro disse que a gente tem que sair...) Vamos acabar com isso de uma vez.

DETETIVE 1: Você sabe quem foi, menina? Tem algum suspeito?

ASSISTENTE: Fui eu que roubei o quadro.

CHOQUE GERAL.

DETETIVE 1: Mas por que? Não faz o menor sentido? O pintor é seu amigo! E você disse que pintou apenas a cópia.

PINTOR: Porque você fez isso?

ASSISTENTE: Pra te defender. E também pra provar uma teoria.

DETETIVE 1: Que teoria?

ASSISTENTE: Nada é o que parece. E o que pra uns é belo e valioso, para outros pode não significar nada...

PINTOR: Dá pra ser mais clara?

DETETIVE 1: Acho que você vai ter que se explicar melhor na delegacia. Você confessou o roubo. Agora vamos.

ASSISTENTE: Vocês só podem me levar depois de me responder a uma única pergunta: qual a diferença entre uma tela verdadeira e a falsa?

DETETIVE 1: Hã? Eu não saberia dizer...E você pintor?

ELE OLHA BEM AS DUAS TELAS.

PINTOR: Deixa eu ver... São idênticas. Nem mesmo eu posso dizer qual é a verdadeira ou a falsa.

DETETIVE 1: Você não é capaz de reconhecer seu próprio trabalho?

PINTOR: Eu poderia dizer sim, mas estaria mentindo.

ALICE: Como assim?

PINTOR: Depois de tudo o que aconteceu, eu não sei mais responder onde está o verdadeiro valor de um quadro. Apenas na assinatura do pintor ou no real sentido da obra de arte?

DETETIVE 1: Nunca observei uma pintura por esse ângulo.

PINTOR: Pois pode começar a pensar... A beleza, meu caro está nos olhos de quem vê.

BLACK OUT, CAI O PANO

FIM

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br

Contato Autora: denisecrispun@gmail.com